

Varejo reduz novas encomendas, e indústria vê aumento de estoques

— Comércio corta pedidos para se adequar à queda de vendas e escapar do juro que encarece o capital de giro; de 19 segmentos da indústria, 12 já acumulam mais produtos

MÁRCIA DE CHIARA

Os varejistas estão enxugando seus estoques. Depois de incentivar o pagamento à vista por meio do Pix — uma forma de gerar mais caixa —, segurar novas encomendas à indústria passou a ser mais uma saída encontrada pelo comércio para imobilizar menos dinheiro em produtos nas prateleiras das lojas. Com isso, o varejo tenta escapar dos juros elevados do crédito para capital de giro, destinado a pagar contas do dia a dia.

Na ginástica para driblar o custo financeiro, turbinado pelo juro básico hoje em 13,75% ao ano, quem perde de imediato é a indústria. Com a redução das compras do varejo, fabricantes veem o volume de mercadorias crescer em seus armazéns.

Pesquisa O custo financeiro foi apontado por 23,8% dos comerciantes como uma trava para os negócios

Na semana passada, a empresária Luiza Trajano, presidente do conselho de administração do Magazine Luiza, citou os estoques acumulados pelas indústrias como efeito dos juros altos, que afetam as vendas no varejo. “O varejo puxa tudo, a indústria, a construção. Estamos tendo excesso de produtos. As indústrias não têm onde colocar (os produtos)”, disse ela, durante reunião de empresários ligados ao Instituto para o Desenvolvimento do Varejo (IDV). Também presente estava o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto — que nesta quarta-feira anuncia a nova Selic.

A freada nas compras do varejo aparece na Sondagem do Comércio da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Em maio, por exemplo, a fatia de empresários do comércio com estoques considerados indesejados estava em 13,7%, o menor nível desde novembro de 2022. Também o custo financeiro elevado foi apontado por quase um quarto dos comerciantes (23,8%) co-

mo fator limitante para tocar o negócio. Foi o maior resultado para esse quesito para um mês de maio desde 2016.

Já na indústria, desde setembro o indicador de estoques está acima de 100, revelando um acúmulo indesejado de produtos, mostra a Sondagem da Indústria de Transformação da FGV. Dos 19 segmentos pesquisados, 12 acumulam um volume de estoques acima do desejado. “Estoques têm sido um problema há algum tempo”, afirma Stéfano Pacini, economista do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da FGV, responsável pela sondagem da indústria.

SUPERMERCADOS. No segmento de supermercados, onde a maior parte dos itens vendidos são alimentos — um setor crítico no acúmulo de estoques indesejados, segundo a sondagem da indústria da FGV —, o ajuste está em curso. Celso Kayo, gerente-geral comercial da rede de supermercados Hirota, conta que as vendas dos supermercados em geral desaceleraram do primeiro para o segundo trimestre deste ano, o que provocou uma alta nos estoques do varejo alimentar. O giro de estoque do mercado, que antes era de 28 dias, subiu para 32 dias. “Aí, a ordem é parar de comprar”, afirma.

O Hirota, por exemplo, que tem 140 lojas, entre supermercados, lojas de conveniência e em condomínios, já conseguiu ajustar os estoques ao volume menor de vendas. “Reduzimos as compras da indústria, mas continuamos com mercadoria suficiente para não termos ruptura (falta de produto nas prateleiras).”

Sébastien Durchon, sênior-advisor de Varejo e Bens de Consumo da consultoria Olivier Wyman, confirma que há um movimento claro dos varejistas para reduzir estoques. Uma das razões é diminuir o custo financeiro que está “destruindo” boa parte do resultado líquido dos varejistas.

No entanto, ele destaca que se trata de uma estratégia arriscada. Isso porque, se o varejo fica sem produto nas prateleiras, perde venda. Por isso, observa Arnaud Dusaintpère, sócio de

Cenário

-40% foi a fatia de empresas ligadas ao setor elétrico e eletrônico que relataram em abril estoques acima do previsto, ante 29% um ano atrás

13,7% foi o percentual de empresários do comércio que reclamaram de estoques indesejados em maio, o menor patamar desde novembro de 2022

Varejo e Bens de Consumo da consultoria, é preciso ter um ajuste fino, usando ferramentas de inteligência artificial, entre outras, para prever a demanda e o volume de estoque adequado.

Para Durchon, além do custo financeiro elevado, há dois outros fatores que são favoráveis ao varejo para cortar estoques. Um deles é o consumo fraco. “Não é uma boa notícia, mas isso ajuda a reduzir estoques”, diz.

Outro fator é a desaceleração da inflação e a chance de, em alguns itens, ocorrer deflação nos

preços. Os varejistas não querem correr o risco de comprar um produto por um valor maior e ter de vendê-lo depois por um preço abaixo do custo. “Essa é mais uma razão para reduzir o estoque, esperar a inflação recuar e voltar às compras no futuro.”

Procuradas, a Associação Brasileira da Indústria da Alimentação (Abia) e a Associação Paulista de Supermercados (Apas) não se manifestaram sobre o tema. ●

AUMENTO DE ESTOQUES AFETA MAIS DA METADE DOS SETORES INDUSTRIAIS. PAG. B2

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia e Negócios Caderno: B Pagina: 1